



DESENVOLVER

Autorregulação da leitura

Autoria: Fernanda Leopoldina Viana / Iolanda Ribeiro

LEITURA • ESCRITA • RECURSOS

EXEMPLO 2

A explicação dos objetivos e a estrutura do programa *“Aprender a compreender. Do saber... ao saber fazer”* (Ribeiro at al., 2010) são apresentadas aos alunos a partir da exploração de um texto original, produzido por uma aluna, no qual ela reflete sobre a sua experiência enquanto leitora, na qual revela algumas das estratégias que usa na compreensão de textos. Sugere-se a leitura em voz alta desta reflexão e a análise do diálogo entre o Vicente Inteligente e os alunos.

Este exemplo clarifica (e modela) o processo de reflexão falada – como penso durante a leitura do texto? – proporciona indicações sobre estratégias específicas, identifica problemas comuns que ocorrem durante a compreensão e aponta para estratégias para lidar com os mesmos. Contribui para o desenvolvimento de uma narrativa pessoal por parte do aluno sobre como pode pensar durante a leitura de um texto, de modo a otimizar a compreensão do mesmo. Cabe aos professores a tarefa de partilhar com os alunos “como pensam” durante os textos e incentivá-los a partilhar os seus próprios pensamentos.

Há pequenos prazeres na vida que conseguem de facto dar-nos momentos imensos de alegria. Pedir um presente aos pais quando vamos com eles ao supermercado (sem achar que eles vão ceder) e consegui-lo. Marcar um golo impossível que decide a vitória para a nossa equipa num jogo com os amigos; um professor faltar a uma aula num dia em que nos apetecia mesmo, mesmo, mesmo ficar com os colegas no recreio. E, para mim, ler um bom livro. Encontrar uma história que, ou pelo enredo ou pela escrita, nos prende à leitura como o final de um filme ou de um jogo de futebol. Sem que consigamos parar de ler porque temos de saber o que acontece a seguir! Claro que nem sempre conseguimos que a leitura seja como um comboio que corre sobre carris certos sem parar a não ser que encontre uma estação (ou um ponto final, neste caso). Por vezes é difícil perceber o que está a acontecer na história. Às vezes por nossa culpa, porque não estamos concentrados. Nesse caso só há duas coisas a fazer: ou juntamos todas as nossas forças para estarmos atentos às filas de letras diante de nós, ou fazemos uma pausa para tratarmos do que quer que seja que nos está a distrair (seja a ansiedade por ver um amigo, um filme ou, simplesmente, não fazer nada). Outras vezes é mais complicado. Podemos estar a ler, concentradíssimos, mas o autor troca-nos as voltas com o que escreve. Se é uma palavra que não percebemos, ou vamos ao dicionário, ou, para não interromper a leitura, tentamos perceber qual o seu significado pelo contexto ou pelas palavras que estão à sua volta. Por exemplo, se estivermos a ler sobre uma personagem que desce ao inferno para salvar o seu animal de estimação, e encontramos um adjetivo que não compreendemos, decerto ele não será sinónimo de “refrescante” ou “pacífico”. Infelizmente, às vezes são muitas as palavras que não compreendemos. Perdemos o fio à meada e já não percebemos bem o que se está a passar.

Há pequenos prazeres na vida que conseguem de facto dar-nos momentos imensos de alegria. Pedir um presente aos pais quando vamos com eles ao supermercado (sem achar que eles vão ceder) e consegui-lo. Marcar um golo impossível que decide a vitória para a nossa equipa num jogo com os amigos; um professor faltar a uma aula num dia em que nos apetecia mesmo, mesmo, mesmo ficar com os colegas no

recreio. E, para mim, ler um bom livro. Encontrar uma história que, ou pelo enredo ou pela escrita, nos prende à leitura como o final de um filme ou de um jogo de futebol. Sem que consigamos parar de ler porque temos de saber o que acontece a seguir! Claro que nem sempre conseguimos que a leitura seja como um comboio que corre sobre carris certos sem parar a não ser que encontre uma estação (ou um ponto final, neste caso). Por vezes é difícil perceber o que está a acontecer na história. Às vezes por nossa culpa, porque não estamos concentrados. Nesse caso só há duas coisas a fazer: ou juntamos todas as nossas forças para estarmos atentos às filas de letras diante de nós, ou fazemos uma pausa para tratarmos do que quer que seja que nos está a distrair (seja a ansiedade por ver um amigo, um filme ou, simplesmente, não fazer nada). Outras vezes é mais complicado. Podemos estar a ler, concentradíssimos, mas o autor troca-nos as voltas com o que escreve. Se é uma palavra que não percebemos, ou vamos ao dicionário, ou, para não interromper a leitura, tentamos perceber qual o seu significado pelo contexto ou pelas palavras que estão à sua volta. Por exemplo, se estivermos a ler sobre uma personagem que desce ao inferno para salvar o seu animal de estimação, e encontramos um adjetivo que não compreendemos, decerto ele não será sinónimo de “refrescante” ou “pacífico”. Infelizmente, às vezes são muitas as palavras que não compreendemos. Perdemos o fio à meada e já não percebemos bem o que se está a passar.

Quando isto acontece só há uma solução: ter uma conversinha com o livro. Perguntar-lhe “O quê?”, como quando estamos a falar com alguém e não percebemos o que acabou de dizer. Temos de pedir ao livro se pode repetir o que disse, se faz favor. Voltar atrás, até a um sítio onde a leitura ainda corria sobre rodas (ou carris) e reler tudo de novo, até conseguirmos compreender o que nos estava a escapar. Se tudo isto falhar, podemos sempre ter uma conversinha com um professor ou um dos nossos pais e pedir-lhes que nos expliquem aquele complicado bocado de texto. Com alguma sorte, até nos levam ao supermercado para nos oferecer um presente.

Ana Guimarães

A Ana acabou o 6.º ano e foi uma aluna proficiente ao nível da compreensão da leitura. Talvez não conheça a palavra “proficiente”. Consultando um dicionário encontramos: “*Conhecimento perfeito, capacidade, mestria*” (<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=proficiencia>).

Professor: Como se teria a Ana tornado proficiente?

São várias as respostas a esta pergunta. Em primeiro lugar é importante saber que a compreensão da leitura é uma competência que se aprende. Alguns alunos atribuem os seus resultados a capacidade, a sorte, ao acaso...

Porém, muito do que conseguimos ou não fazer e obter depende sobretudo do nosso esforço. A Ana sempre que não percebia alguma coisa nunca desistia de tentar encontrar uma resposta e de resolver as suas dificuldades.

No texto que escreveu, encontramos a razão para o seu sucesso. Ela conhece e utiliza várias estratégias de leitura, ou seja, recorre a vários procedimentos para realizar bem a tarefa.

Repara em algumas estratégias que ela usa:

- a) quando não percebe uma palavra procura o seu significado num dicionário ou tenta descobri-lo a partir do contexto em que ela aparece;
- b) sabe que tem de ter cuidado com a extração do significado porque uma palavra pode ter significados diferentes em função daquilo que o autor escreve;
- c) é capaz de saber quando não está a perceber e, neste caso, tenta encontrar as razões para a sua dificuldade.

Dependendo das razões que levaram à dificuldade, ela escolhe algumas estratégias:

- «Ter uma conversinha com o livro»;
- Perguntar-lhe «O quê?», como quando estamos a falar com alguém e não percebemos o que acabou de dizer;
- Pedir ao livro o favor de repetir, que é uma maneira engraçada de dizer que precisa de ler de novo;
- Voltar atrás;
- «Ter uma conversinha com um professor ou um dos nossos pais»

Fonte: Ribeiro, I. S., Viana, F. L. Ribeiro, I. S., Cadime, I., Fernandes, I., Ferreira, A., Leitão, C., Gomes, S., Mendonça, S. & Pereira, L. (2010). *A compreensão da leitura. Dos modelos teóricos ao ensino explícito*, pp. 26-27.. Coimbra: Edições Almedina. <http://hdl.handle.net/1822/11216>